

MARTINS, Mirian Celeste. Verbete: MEDIAÇÃO. In: *Caderno da Política Nacional de Educação Museal – PNEM*. Brasília, DF: IBRAM, 2018, p. 84-88. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf> Acesso em 20 fev. 2021.



Fig. 1. *Visitantes/obras/espacos*. Rita Demarchi, 2017. Foto-ensaio composto por fotografias digitais realizadas no Rijksmuseum em Amsterdam; na 31ª Bienal Internacional de São Paulo; na Pinacoteca do Estado de São Paulo e no Museu de Arte Antiga em Lisboa.

Imagens podem ser a tradução deste verbete, pois desvelam sua força maior, não como explicação, mas como modo de pensar a aproximação estética com a arte, com o patrimônio cultural, com os espaços públicos e as instituições que os preservam, apresentam e os difundem. Mediação provocada pelas próprias obras, por dispositivos diversos, pela família, pelos amigos, pela ação de educadores em museus ou professoras e professores que levam seus estudantes aos espaços expositivos, como vemos nas imagens.

O vocábulo mediação nasce do latim *mediatio*, do verbo *mediare* - dividir pela metade, estar no meio, advindo da raiz *med* – meio. O termo foi publicado na Enciclopédia Francesa de 1694 e pode ser compreendido na contemporaneidade como conceito, como função e como ação.

Como conceito [1], tem sido usado na advocacia e está regulamentada por leis. Aristóteles já anunciava a justiça corretiva como mediação utilizada como um método alternativo na busca

de solucionar conflitos e resolver litígios de forma justa para as partes. Em processos educativos é um conceito vislumbrado por estudiosos como Vygotsky, Bakhtin, Dewey, Freire, Rancière, dentre outros, que estabelecem estreita relação entre a arte e a vida. No senso comum, talvez por influências do uso jurídico, nota-se que o conceito pode ser entendido como “ponte” entre lados opostos. Para além dessa ideia, nas áreas de educação, arte e cultura, o “estar no meio” implica na complexa posição de “estar entre”, que possibilita uma rede de múltiplas provocações e possibilidades de relações entre os sujeitos, objetos, espaços e contextos envolvidos. Um território potente e de tensões que abrange estranhamentos, surpresas, choque, indignação, afinidades, gostos, resistências, aberturas, diálogos, trocas, percepções ampliadas, empatia, alteridade. Assim, considerando o ser humano como um ser histórico e social inserido em sua cultura, a mediação é compreendida como interação e diálogo que valoriza e dá voz ao *outro*, ampliando horizontes que levam em conta a singularidade dos sujeitos em processos educativos na escola ou fora dela. Podemos denominá-la como “mediação cultural”.

Como função [2], a mediação está vinculada aos programas/serviços educativos que hoje estão presentes em instituições culturais. Quando Bourdieu e Darbel publicaram em 1969 a pesquisa sobre os museus de arte na Europa e seu público afirmaram que as instituições fortalecem laços ou excluem os que não tiveram na família ou na escola oportunidades de desenvolver o “amor pela arte”; nessa época o responsável nos museus era o conservador. Hoje, o curador ganha maior espaço e em algumas exposições o responsável pelo Programa Educativo é denominado de Curador Pedagógico. Embora recebendo verbas consideráveis, este programa nem sempre têm a sua devida valorização e reconhecimento por parte das equipes que não estão diretamente vinculadas à Educação. Como função, também vemos a passagem da denominação de “monitor” para o educador de museu, também chamado por vezes de mediador, entretanto cabe apontar as diferenças entre a função e a ação mediadora.

Embora não haja uma única definição possível, compreender a mediação como ação [3] implica em voltar-se ao conceito que o coloca “entre” outros na busca de uma maior aproximação com os objetos e manifestações artísticas. Não basta o acesso tendo em vista a socialização da arte. Não bastam apenas informações gerais. Levar em conta as diferentes necessidades do público com o oferecimento de diversos meios, como catálogos, materiais educativos, áudio-guias, jogos para a família, dispositivos específicos para grupos de surdos ou cegos, formação para aos educadores, etc. são importantes e têm por objetivo facilitar o acesso e democratizar as culturas. Entretanto, para tornar a visita “*uma experiência estética*” como diria Dewey, a atitude frente ao outro, frente aos objetos e ao próprio museu ou instituição cultural, há de ser um convite à *aesthesis*, desarmando a anestesia que leva à indiferença. Um convite à disponibilidade e abertura frente ao que lê e interpreta com seus próprios referenciais ampliados no diálogo e na multiplicidade de camadas de sentidos que a arte, os objetos, o patrimônio e manifestações culturais evocam, nos espaços em que são preservados, expostos e divulgados. Um convite para aguçar a percepção, para analisar detalhes e o todo, para trocar e ampliar os saberes diante da multiplicidade, do antigo e do novo, do familiar e do inesperado, do concreto, do histórico e do simbólico. Os estudos e pesquisas tem se avolumado neste campo, assim como se vê surgir o que alguns denominam como *educational turn*, o que evidencia o caráter provisório de um verbete que poderia ser considerado em processo, enredado no dinamismo da cultura contemporânea.

## Bibliografia

AIDAR, Gabriela, CHIOVATTO, Milene e AMARO, Danielle R (coord.). *Entre a ação cultural e a social: museus e educadores em formação*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2016.

Apresenta a experiência do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo na formação de educadores sociais, Projetos socioeducativos com pessoas em situação de vulnerabilidade social, as ações do museu e o universo e formação dos educadores sociais e da educação não formal.

BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane G (orgs.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

Reunindo artigos escritos por pesquisadores brasileiros e estrangeiros sob quatro tópicos – Questões da Mediação; Mediação em Museus e Centros Culturais; A mediação Cultural e o Contexto Educacional; Mediação e Reconstrução Social – este livro oferece abrangente visão sobre a mediação cultural e social.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

O livro reúne estudos sobre os principais conceitos, o contexto epistemológico e histórico de Bakhtin (1895-1975). Embora cercado a linguagem verbal, Bakhtin contribui com seu pensamento sobre a concepção histórica e social da linguagem.

BORDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*; tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Universidade de São Paulo: Zouk, 2003.

Publicado primeiramente em 1966 contando com grande equipe de pesquisadores e modelo matemático de análise, os autores apresentam uma minuciosa pesquisa sobre os museus de arte na Europa e seu público. Atestam que o nível de instrução é a marca dos que frequentam os museus desvelando a importância da família e da educação. Embora o panorama tenha mudado, o livro alicerça a importância do museu que pode ainda hoje fortalecer laços ou afastar aqueles que não tiveram na família ou na escola oportunidades de desenvolver o “amor pela arte”.

CAUNE, Jean. *Cultura e Comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação*; tradução Laan Mendes de Barros. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

Considerando os aspectos comunicacionais da mediação e que “Na verdade, a obra de arte está baseada em estruturas de percepção que são culturais e não naturais” (p.115), o estudioso distingue a mediação artística e a mediação estética. A primeira, operatória, cerca a obra de arte como sensibilização ou apresentação, facilitando o acesso à obra ou ao objeto artístico; a segunda é da ordem da experiência estética, como fonte de relações sensíveis que se desenvolve no campo social. A diferença não se dá em relação a sua natureza, mas à sua visão estratégica.

DEMARCHI, Rita. *Ver aquele que vê: um olhar poético sobre os visitantes em museus e exposições de arte*, 2015. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura).

Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015. Disponível em:

<<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/1925>>. Acesso em 10 set.2017.

A captura poética de de flagrantes nas exposições e reflexões teóricas compõe a pesquisa de cunho fenomenológico discute questões na paisagem contemporânea como o excesso, o espetáculo, o consumo, a velocidade, o turismo, nomeados como penumbra que alimenta atitudes de visitantes como sujeitos fugidios. Em meio à penumbra, ao labirinto e ao crepúsculo vislumbra a experiência estética como terreno do peregrino.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010 (Coleção Todas as Artes).

Este livro de John Dewey (1859-1952) se origina de dez conferências realizadas em 1931 na Universidade de Harvard quando o filósofo, educador, psicólogo e cientista político e social tinha 72 anos. O conceito de experiência estética é um dos aspectos centrais para o conceito de mediação, assim como o valor dado à criação do leitor de qualquer obra.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 14<sup>a</sup> ed.rev.atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

Reunindo textos escritos entre 1968 e 1974, este livro complementa outro – *Educação como prática da liberdade*, escrito em 1965. Em ambos, a proposta de uma educação voltada para o sujeito implicado em sua realidade e sua transformação pautada na humanização que aspira a liberdade, a descolonização, a educação vista não como a transferência de conhecimento mas como autêntico “ato de conhecer”.

MARTINS, Mirian Celeste (org.) *Pensar juntos mediação cultural: [entre]laçando conceitos e experiências*. São Paulo: Terracota, 2014.

Escrito por integrantes do Grupo de Pesquisa Mediação Cultural: provocações e contaminações estéticas/GPeMC filiado à Universidade Presbiteriana Mackenzie, o livro reúne artigos sobre os vários territórios da mediação cultural: experiência estética; acesso cultural; patrimônio cultural; ação e criação docente; formação do professor/mediador; curadoria educativa e mediação como [com]tato.

MARTINS, Mirian Celeste e PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo: Intermeios, 2012.

Diferentes experiências no exercício da mediação cultural e no pensar sobre elas tecem textos nascidos em momentos diversos para o estudo e a prática na formação de educadores para ações educativas em instituições culturais e educacionais.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012.

Após escrever *Mestre Ignorante*, Rancière amplia a reflexão sobre o ato embrutecedor daquele que explica ressoando na questão do espectador, como um participante ativo. Discute também o pensamento crítico, a arte política e as imagens, especialmente a fotografia.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. *Horizontes culturais: lugares de aprender*. São Paulo: FDE, 2008. Disponível em: <<http://educacao.faber-castell.com.br/wp-content/uploads/2014/07/Horizontes-Culturais-Lugares-de-aprender.pdf>>. Acesso em 10 out 2017.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *Psicologia Pedagógica*; tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Psicologia e Pedagogia)

Entre outros livros de Vigotsky que abordam a relação com a arte, neste encontramos um capítulo dedicado à Educação Estética. Valorizando a vivência artística como criação, como catarse que amplia o olhar, o estudioso introduz a educação estética na própria vida acreditando nas potencialidades criadoras do ser humano.

Além dos livros citados há outros listados abaixo. Recomenda-se a busca por dissertações, teses e artigos sobre mediação cultural, além da pesquisa em sites de museus que com frequência oferecem materiais educativos.

DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do espectador*. São Paulo: Hucitec, 2003.

LEITE, Maria Isabel e OSTETTO, Luciana (orgs.). *Museu, Educação e Cultura: encontros de crianças e professores com a arte*. Campinas: Papirus, 2005.

NETZEL, Adair e CARVALHO, Carla (orgs.). *Mediação cultural, formação de leitores & educação estética*. Curitiba: CRV, 2016.

PEIXOTO, Maria Inês Hartmann. *Arte e grande público: a distância a ser extinta*. Campinas: Autores Associados, 2003.

PINHEIRO, Anderson (org.) Diálogos entre arte e público: caderno de textos I “ - (...) dos diálogos que temos aos diálogos que queremos (...)”. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, v.1, 2008.

\_\_\_\_\_. Diálogos entre arte e público: caderno de textos II – Educadores entre museus e salas de aula: que diálogos são esses? Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, v.1, 2009.

\_\_\_\_\_. Diálogos entre arte e público: caderno de textos III – Acessibilidade cultural: o que é acessível, e para quem? Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, v.1, 2010.

WILDER, Gabriela S. *Inclusão social e cultural: arte contemporânea e educação em museus*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.